

CONSTRUÇÕES QUANTITATIVAS BINOMINAIS

Karen Sampaio Braga Alonso (UFRJ / CNPq)

Introdução

Este trabalho parte da combinação da teoria da Gramaticalização e da Gramática das construções conforme modelo goldbergiano, procurando descrever as unidades teóricas que subjazem construções quantitativas binominais do tipo *um N₁ de N₂* (*um litro de leite, um bocado de gente* etc.).

Para tanto, o texto será dividido nas seguintes seções: i) breve exposição da parte teórica; ii) análise das construções binominais do tipo *um N₁ de N₂*, dividindo-as entre as que exprimem valor quantitativo e as que exprimem valor qualitativo, com foco nas primeiras; iv) proposta de caracterização dos padrões construcionais de quantidade tratados nesse trabalho; v) a diferença da estruturação padronizada das noções de parte e de quantidade; vi) considerações finais.

Gramática das Construções e Gramaticalização

A proposta da Gramática das Construções foi inicialmente defendida por Fillmore (1979), em um artigo que demonstrou que o modelo de análise gerativista de Chomsky, que postulava a um falante/ouvinte ideal não dava conta de um grande número de frases reais. Ou seja, de acordo com Fillmore (1979), é um equívoco sustentar uma teoria gramatical que não dá conta da criatividade do falante e que o subestima quanto ao uso de sua própria língua. Assim, o falante/ouvinte ideal de Chomsky passa a ser o falante/ouvinte inocente de Fillmore, em uma sátira a artificialidade e ineficiência da proposta chomskyana diante da real produção lingüística.

A partir daí, as formas consideradas idiomáticas passaram a receber atenção de alguns lingüistas e deixaram de ser encaradas como exceções na língua. Ao contrário, percebeu-se que sua estruturação se apresentava de modo análogo ao das frases ditas canônicas, que, até então, dominavam os estudos lingüísticos, por conta de uma crença absoluta no caráter composicional da linguagem.

Dentre os trabalhos que se sucederam ao de Fillmore (1979), destaca-se o de Goldberg (1995). A autora, analisando a estrutura argumental dos verbos do inglês, propôs a tese de que a construção, em sua forma mais abstrata, possui um sentido autônomo, que será completado pelos itens que a instanciam. Dessa maneira, também tais itens, ao instanciarem a construção, recebem a carga semântica dela. O sentido de um enunciado lingüístico deixa de ser a soma dos sentidos das partes e passa a ser o sentido da construção mais o sentido dos itens que dela fazem parte. Dessa forma, a idéia do pareamento forma-sentido ganha força e o entendimento de construção como unidade teórica se estabelece.

Para definir o que é uma construção gramatical, toma-se o seguinte trecho:

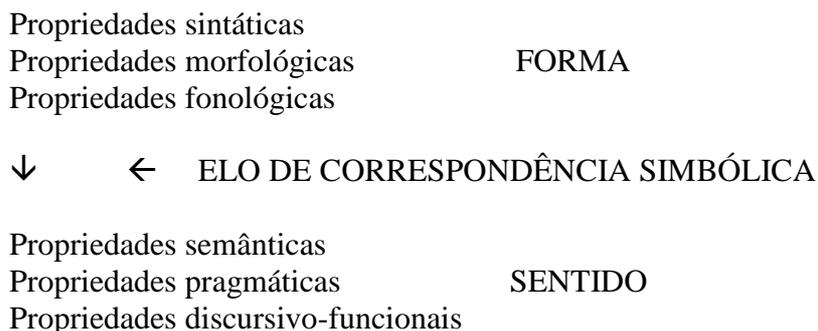
“C é uma construção se e somente se C é um par forma-significado $\langle F_i, S_i \rangle$, de tal forma que nenhum aspecto de F_i ou de S_i seja estritamente previsível a partir de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas.” (GOLDBERG, 1995, p. 4)

A partir desse trecho, pode-se afirmar que a unidade de análise gramatical deixa de ser um item isolado e passa a ser uma construção. Uma construção deve ser entendida como qualquer elemento formal diretamente associado a algum sentido, alguma função pragmática

ou alguma estrutura informacional. Isso significa dizer que podem ser construções morfemas simples, palavras multi-morfêmicas, expressões idiomáticas, sintagmas fixos com significado composicional, e até mesmo padrões sintáticos abstratos como o de *movimento causado* (X causa Y mover-se a Z).

Seguindo a proposta da noção de construção como pareamento de forma e sentido, que é ao menos parcialmente arbitrário, assim como o léxico em outras teorias, Croft (2001: 18) apresenta o seguinte modelo de estrutura simbólica para uma construção:

C O N S T R U Ç Ã O



Pode-se notar que o termo *sentido* abrange todos os aspectos convencionalizados da função da construção. De acordo com esse esquema, o elo entre a forma e o sentido convencional é interno à construção. Isso quer dizer que estruturas conceituais podem ser universais, mas, em outros aspectos, construções são específicas de cada língua.

Uma outra questão importante quando se trata de Gramática de Construção é o postulado da existência de uma rede. Ou seja, construções mais básicas gerariam construções mais complexas, de modo que seja possível descrever a relação entre uma construção e outra, depreendendo o nível de parentesco que se estabelece entre elas sintática, semântica e pragmaticamente. Entender a natureza de uma construção lingüística perpassa, em alguma medida, pela compreensão da rede que se coloca, pelo menos, imediatamente vinculada a ela.

A rede construcional ratifica o entendimento de que a gramática de uma língua não é um emaranhado de sentenças soltas e desmotivadas. Ao contrário, trata-se de um repertório organizado segundo determinados princípios (Goldberg, 1995:67-68), o que torna a análise gramatical coerente com processos cognitivos mais gerais dos seres humanos. São eles:

- *o princípio da motivação maximizada*, que afirma que se a construção A está sintaticamente relacionada à construção B, então a estrutura de A é motivada pelo grau em que A está relacionada a B semanticamente;
- *o princípio da não sinonímia*, segundo o qual se duas construções sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas. Aspectos pragmáticos de construções envolvem particularidades de estrutura informacional, como tópico e foco, além de aspectos estilísticos da construção, como o registro.

- *o princípio da expressividade maximizada*, que prevê que o inventário de construções é maximizado por propósitos comunicativos;
- *e o princípio da economia maximizada*, em que o número de construções de uma língua é o mínimo possível estabelecido pelo princípio da não sinonímia.

Ainda sobre gramática de construções, Langacker (apud Traugott: 2007) sugere três fatores que afetam a estrutura lingüística, quando se pensa em construção:

- Generalidade: o grau em que o esquema construcional reflete um padrão mais esquemático (geral, padronizado) do que específico.
- Produtividade: o grau em que o esquema construcional é acessível para sancionar novas ocorrências.
- Composicionalidade: o grau em que o sentido e a forma do todo são previsíveis por suas partes de acordo com o esquema sancionador.

Pode-se acreditar que, sendo assim, por meio desses três fatores é possível dimensionar o estágio da construção no continuum léxico-sintaxe. Os fatores descritos pelo autor corroboram com a idéia de que a língua é formada de padrões e que esses padrões atingem maior ou menor grau de fixidez estrutural.

A respeito do conceito de gramaticalização, é interessante compreender como o processo de surgimento de padrões se encaixa em uma proposta construcional. Veja-se o que diz Tomasello:

“Em contraste com a gramática gerativa e outras abordagens formalistas, em uma teoria baseada no uso, a dimensão gramatical de uma língua é produto de um conjunto de processos históricos e ontogenéticos referidos coletivamente como gramaticalização. Quando seres humanos usam símbolos para se comunicar uns com os outros, colocando-os em seqüência, padrões de uso emergem e se tornam consolidados em construções gramaticais, como por exemplo, a construção de tempo passado.” (2003:5)

Nessa breve descrição, o autor reforça a idéia de que a língua gera padrões que advêm do uso e rejeita, conseqüentemente, o postulado chomskyano de que as unidades de língua se ligam por meio de regras gerais de combinação e concatenação.

Os próprios trabalhos mais clássicos em gramaticalização vêm sendo revisitados, no intuito de adequar-se às novas premissas de que a construção gramatical é uma unidade teórica de análise e de que, portanto, as mudanças lingüísticas não podem ser observadas apenas em um item particular.

É o que confirmam as palavras de Bybee, no seguinte trecho:

“Na literatura recente sobre gramaticalização, parece consenso que não é suficiente definir gramaticalização como o processo pelo qual um item lexical torna-se morfema gramatical, mas, ao contrário, é importante dizer que esse processo ocorre em contexto de uma construção particular (...) De fato, parece mais adequado dizer que é uma construção com seus itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada do que dizer que é o item lexical que se gramaticaliza” (2003:602)

Tendo tudo isso em vista, será feita a análise da construção proposta, de tal forma que se pretende reforçar a aplicabilidade dos postulados teóricos descritos anteriormente.

A construção *um(a) N₁ de N₂*

A construção *um(a) N₁ de N₂* apresenta-se de forma bastante produtiva no português do Brasil. Nas sentenças abaixo, ela funciona como complemento verbal de verbos transitivos (ex. 1, 2, 3, 5, 6 e 7, a seguir) ou inacusativos (ex. 4, a seguir):

- (1) Pedro bebeu um_{det} $litro_{n1}$ de $leite_{n2}$.
- (2) Ele colocou uma_{det} $colher_{n1}$ de $pimenta_{n2}$ no seu prato.
- (3) Paulo comprou uma_{det} $cacetada_{n1}$ de $coisas_{n2}$.
- (4) Chegou um_{det} $bando_{n1}$ de $crianças_{n2}$ neste exato momento.
- (5) Tinha um_{det} $monte_{n1}$ de $gente_{n2}$ no calçadão.
- (6) Comi um_{det} $pouco_{n1}$ de $pão_{n2}$.
- (7) O mágico entortou uma_{det} $colher_{n1}$ de $sopa_{n2}$ com a força do pensamento.
- (8) A menina construiu um_{det} $castelo_{n1}$ de $areia_{n2}$ na praia.

Observando as diferentes sentenças apresentadas nos exemplos de 1 a 8, é possível perceber que, pelo menos aparentemente, a construção *um(a) N₁ de N₂* abarca noções distintas (de quantidade e de qualidade), como pode ser visto na comparação dos exemplos 6 e 7, repetidos adiante como 9 e 10.

- (9) Comi um_{det} $pouco$ de $pão_{n2}$.
- (10) O mágico entortou uma_{det} $colher_{n1}$ de $sopa_{n2}$ com a força do pensamento.

No exemplo 9, *um pouco de pão* indica uma determinada quantidade (grande ou pequena, a depender do contexto) de pão; no exemplo 10, *uma colher de sopa* indica o tipo da colher, a partir do tipo de alimento (sopa) que se come com ela.

Tendo em vista *o princípio da força expressiva maximizada*, “uma diferença semântica (ou pragmática) deve gerar uma diferença na forma” (Goldberg, 1995:68). Sendo assim, é preciso identificar uma distinção formal entre as construções de valor qualitativo e aquelas de valor quantitativo.

Partindo dessa premissa básica, as seções a seguir serão organizadas da seguinte maneira: primeiramente, será feita uma análise das sentenças de valor quantitativo, identificando possíveis distinções formais e semânticas entre elas e, averiguando, assim, se os exemplos de 1 a 8 são instanciações de uma mesma construção ou se instanciam construções distintas. Ao longo de toda análise, considerar-se-á o processo de gramaticalização, tal como definido na introdução deste artigo.

Construção(ões) de valor qualitativo

Tomando para análise a sentença *A menina construiu um castelo de areia na praia* (exemplo 8, repetido abaixo como 11), *um castelo de areia* apresenta um caráter qualitativo, com uma estrutura cujo núcleo *castelo* é especificado por *um* e modificado por *de areia*:

- (11) [um_{espec} [$castelo_{n1}$] $_{núcleo}$ de $areia_{modif}$]

Entretanto, em oposição, a construção *uma colher de sopa* parece estar em um grau de idiomatização mais avançado, tendo em vista que ela aparenta ser uma construção altamente

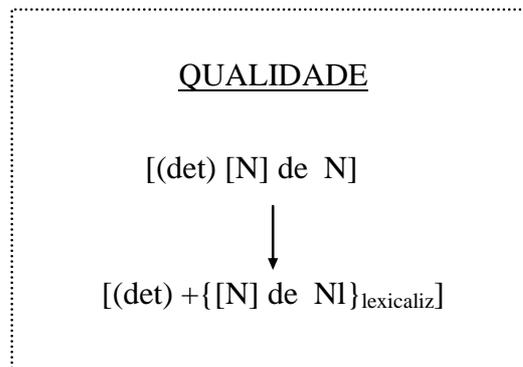
lexicalizada, considerando, por exemplo, um teste sintático de deslocamento de constituintes, a partir da análise das seguintes formações¹:

- (12) Ela comprou uma colher de sopa
- (13) ?*De sopa*, ela comprou uma colher
- (14) Ela fez um castelo de areia
- (15) *De areia*, ela fez um castelo

Como se pode verificar, uma construção do tipo da de *uma colher de sopa* parece não poder ter sua ordem trocada ou, pelo menos, apresenta alta restrição de deslocamento², enquanto que uma construção como *um castelo de areia* apresenta, aparentemente, mais liberdade de ordenação.

Entende-se, portanto, que se tratam aí de construções em graus distintos de composicionalidade, o que nos leva a postular que talvez se esteja tratando de duas construções distintas diretamente relacionadas dentro de uma rede (Goldberg 1995, 2006).

Propõe-se a existência de duas construções: uma de modificação adjetival e outra de modificação adjetival lexicalizada (delimitada a seguir pelo uso das chaves e identificada por *lexicaliz*).



Foi possível, até aqui, identificar duas construções de caráter qualitativo, em graus distintos de lexicalização. Cabe, agora, comentário acerca da(s) construção(ões) de caráter quantitativo.

Construções de valor quantitativo

Há diferentes maneiras de se quantificar entidades em português. Dentre essas, pelo menos quatro podem ser destacadas como muito produtivas, a saber:

- (a) *Morfologicamente*, por meio de morfema de número. Ex: casaØ; casas
- (b) *Sintaticamente*, por meio de construção do tipo Modif N. Ex: pouco(s) livro(s); quatro crianças.
- (c) *Sintaticamente*, por meio de construção do tipo: um(a) N₁ de N₂. Ex: um monte de coisas.

¹ Optou-se por exemplos mais curtos dos que o até agora vistos, para deixar mais a propriedade em questão: a possibilidade de deslocamento de um dos constituintes das construções.

² Admite-se que em contexto em que se quer marcar a oposição, o deslocamento é possível: *De sopa, ele comprou uma colher; já de café, ele comprou três*. Vale ressaltar que em uma situação como a da sentença “Você errou, mas vou te dar uma colher de chá dessa vez e deixa-lo fazer de novo”, *colher de chá* apresenta um grau de lexicalização que não permitiria, em qualquer contexto, o deslocamento de um dos constituintes.

- (d) *Sintaticamente*, por meio de modificação por SP. Ex: gente à beça.

No presente trabalho, interessará a construção explicitada em *c*, embora nada impeça que as demais formas de quantificação sejam evocadas quando for necessário. Por isso, serão retomados, adiante, os exemplos que assumiam valor quantitativo listados no início do texto.

As sentenças seguintes (sentenças de 1 a 6, repetidas como de 16 a 21) têm em comum, aparentemente, a forma *um(a) N₁ de N₂* (cujo núcleo é N₂) e o valor de quantidade. Basta agora observar se essas instanciações envolvem uma mesma construção de valor quantitativo ou se elas indicam distinções sintático-semânticas suficientes para que se inventarie mais de uma construção a partir daí.

- (16) Pedro bebeu um_{det} litro_{n1} de leite_{n2}.
(17) Ele colocou uma_{det} colher_{n1} de pimenta_{n2} no seu prato.
(18) Paulo comprou uma_{det} cacetada_{n1} de coisas_{n2}.
(19) Chegou um_{det} bando_{n1} de crianças_{n2} neste exato momento.
(20) Tinha um_{det} monte_{n1} de gente_{n2} no calçadão.
(21) Comi um_{det} pouco³_{n1} de pão_{n2}.

Pois bem, fazendo uma análise mais detalhada desses exemplos, foi possível perceber que, em *Pedro bebeu um_{det} litro_{n1} de leite_{n2}*, pode-se identificar uma sentença cujo N₁ é um quantificador que expressa quantidade precisa ou determinada (Mateus et alii, 2003). Outros nomes como *quilo*, *grama*, *tonelada*, por exemplo, poderiam figurar como N₁ dentro da estruturação referente ao exemplo 16. Essa construção funciona para quantificar nomes configuracionalmente incontáveis: *uma tonelada de areia*, *um grama de gordura*, *um quilo de sal*.

Por conta dessa propriedade semântica de quantificar nomes incontáveis, verificou-se uma restrição morfosintática em frases como as do exemplo 16 – o N₂ não pode ir para o plural. Essa característica levou à postulação do padrão *Num N₁ de N₂*, com N₂ no singular. É o que se vê nos exemplos abaixo, em que 22 é gramatical (com N₂ no singular) e 23 é agramatical (com N₂ no plural):

- (22) Pedro bebe três litros de leite.
(23) *Pedro bebe três litros de leites.

É interessante a observação de que 22 e 23 (que funcionam para tornar contável aquilo que é incontável) podem aceitar que o determinante seja substituído por um outro elemento numérico, como, por exemplo, *Pedro bebe, dois/ três/ quatro litros de leite*. Pode-se postular, portanto, que *Pedro bebeu um litro de leite* se configuram como *Num N₁ de N₂*.

Já no que tange a sentença *Ele colocou uma_{det} colher_{n1} de pimenta_{n2} no seu prato* parece haver aí um caso estruturalmente bastante similar ao da sentença anteriormente comentada, já que:

- (a) Funciona para quantificar elementos incontáveis, tendo como consequência sintática a impossibilidade de pluralizar N₂, como se pode ver na comparação entre *Eu gostaria de uma xícara de chá de boldo* (com N₂ no singular) e **Eu gostaria de uma xícara de chás de boldo* (com N₂ no plural).

³ Está-se tratando *pouco*, nesse contexto, como elemento nominal e não como pônimo.

- (b) Apresenta a estrutura subjacente *Num N₁ de Nsing₂*, que pode ser verificada pela substituição de *um(a)* por outros numerais, tais como *Ele colocou duas / tres / quatro_{det} colheres_{n1} de pimenta_{n2} no seu prato*.

O exemplo 18 – Paulo comprou uma_{det} cacetada_{n1} de coisas_{n2} – não se observa a função de tornar quantificável um entidade configuracionalmente incontável. Ao contrário, os nomes que preenchem N₁ nesse padrão construcional podem, inclusive, apresentar forma plural, como é o caso de coisas, o que se pode verificar na comparação de 24 e 25, de um lado, e de 26 e 27, de outro.

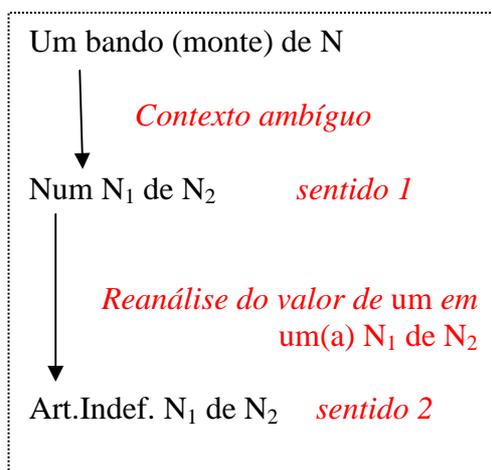
- (24) Eu gostaria de uma xícara de chá de boldo.
 (25) *Eu gostaria de uma xícara de chás de boldo.
 (26) Eu trouxe uma cacetada de coisas dos EUA.
 (27) Eu trouxe uma cacetada de coisa dos EUA.

Além dessa diferença, da análise de 18, pode-se depreender o fato de que a substituição de *um(a)* em *um(a) cacetada* por outro numeral (ex: *duas/ três cacetadas*), como se comentou para as frases anteriores, de acordo com pesquisa-piloto, só foi permitida para a interpretação do nome cacetada indicando ato de bater, como, por exemplo, *Ele levou duas cacetadas logo de cara*, em que se afirma que ele levou dois socos, dois golpes. Nesse caso, não se trata da construção binominal quantitativa de que se trata aqui e, portanto, nesse momento, não interessará uma análise mais profunda.

Por outro lado, é possível encontrar *Eu dei logo duas cacetadas de braço esquerdo*, mas, nesse exemplo, *de braço esquerdo* refere-se ao tipo do golpe e funciona como adjunto e não como complemento nominal. É o mesmo caso de *Eu já li dois livros de Machado de Assis*, em que *de Machado de Assis* é adjunto adnominal. Mais uma vez, não é a construção de que se pretende tratar mais detidamente nesta seção. Em trabalho futuro, entretanto, são construções que valem a pena ser inseridas na análise de dados.

Com relação à análise de *Chegou um bando de crianças neste exato momento* e *Tinha um monte de gente no calçadão*, é possível falar de antemão que ambas aceitam as formas *Chegaram dois bandos de crianças neste exato momento* e *Tinham dois montes de gente no calçadão*. Nesse caso, as construções entram em um paradigma *Num N₁ de N₂*, que não funciona para tornar contável aquilo que é incontável e que, portanto, permite que N₂ vá para o plural, ou seja, tem-se *Num N₁ de N₂* e não *Num N₁ de Nsing₂*.

Isso ocorre porque, tanto em *um bando de crianças* como em *um monte de gente*, um processo de reanálise (por conta da coincidência formal que provoca ambigüidade de contexto) gerou um novo padrão que deixa de ser *Num N₁ de N₂* e passa a ser *Art. Indef. N₁ de N₂*.



Em outras palavras, *um monte de N₂* ou *um bando de N₂* funcionava, de início, analogamente a *dois montes de N₂* ou a *dois bandos de N₂*, mas depois, cada uma dessas formas deixou de significar “uma unidade de N” para passar a significar “uma quantidade imprecisa de N”. Sendo assim, segundo o princípio da não sinonímia, haveria aí duas construções sintática e semântica diferentes.

A interpretação de *um(a)* como artigo indefinido não ocorreria para as sentenças analisadas anteriormente *um litro de N₂* e nem *uma colher de N₂*. Ainda que se façam usos metafóricos como *Adicione só uma colherzinha de felicidade na sua vida*, o quantificador é sempre recuperado ou recuperável.

Retomando o curso da análise dos exemplos, percebeu-se que a mesma idéia de conjunto e de ampliação de escopo proposta para a sentença 18 – Paulo *comprou uma_{det} cacetada_{n1} de coisas_{n2}* – parece reaparecer na análise de 19 – *Chegou um bando de crianças neste exato momento*. Também, neste caso, o N₂ pode estar na forma plural ou singular – *Chegou um bando de crianças (ou criança \emptyset) neste exato momento*.

Uma forma como *dezena*⁴, por exemplo, parece poder instanciar essa construção. A diferença reside no fato de que: no caso de *bando*, tem-se tradicionalmente um nome que se refere a pessoas ou animais e, posteriormente, passa a ser usado para qualquer entidade, incluindo objetos, plantas etc; e, no caso de *dezena*, a referência era inicialmente a um conjunto fechado de dez itens e passa denotar um conjunto de quantidade inexata. Como já foi dito antes, o processo de gramaticalização/ fixação das formas lingüísticas geram padrões na língua que deverão se diferenciar dos padrões a partir do qual os mais novos se formaram.

A julgar pelas propriedades apontadas dessas duas sentenças, ambas pertencem à mesma construção *Art. Indef. N₁ de N₂*. Entretanto, cada um desses padrões podem apresentar como N₁ formações nominais distintas. Parece, portanto, que, até agora, identificou-se dois padrões construcionais distintos, *Num N₁ de N₂* e *Art. indef. N₁ de N₂*, que se diferenciam pela natureza do elemento que se coloca à esquerda de N₁ e pela propriedade de pluralização de N₂, donde se conclui:

Padrões construcionais de valor quantitativo		
Pluralização de N ₂	<i>Num N₁ de N₂</i>	<i>Art. Indef. N₁ de N₂</i>
	-	+
Veicular quantidade precisa	+	-
Quantificar elementos incontáveis	+	-

Tabela 1: padrões construcionais *Num N₁ de N₂* e *Art. Indef. N₁ de N₂*

O exemplo de número 20 – *Tinha um monte de gente na praia* – apresenta uma característica em relação ao N₁ diferente das demais sentenças vistas até o momento. Isso porque a possibilidade de se ter *monte* figurando dentro de uma construção de valor quantitativo dá-se pelo fato de se fazer uma inferência metafórica do item lexical: a partir da idéia de um monte concreto, físico, toma-se a característica de algo de grandes proporções,

⁴ O termo *dezena* pode se configurar como uma quantidade específica ou inespecífica, de acordo com o contexto. O falante ora pode proferir *uma dezena de crianças*, para indicar uma grande quantidade de crianças ora para indicar a quantidade de 10. A noção de conjunto, entretanto, é mantida.

que será usada para construir a imagem conceptual de um número grande de pessoas, no exemplo.

No caso de 20 (*um monte de gente*), é possível que N_2 esteja na forma plural ou singular – *Tinha um monte de gente (ou pessoas) na praia*. Sendo assim, o padrão construcional de 20 parece se ser o mesmo que está na base das sentenças anteriores 18 (*Tinha um monte de gente no calçadão*) e 19 (*Chegou um bando de crianças neste exato momento*): *Art. Indef. N_1 de N_2* .

A última sentença a ser analisada é a de número 21 – *Comi um pouco de pão*. Essa apresenta uma formação de quantificação inespecífica, já que N_1 é um termo que exprime apenas uma quantidade pequena. Sintaticamente, ela se diferencia das demais construções analisadas, tendo em vista que: i) não admite pluralização de N_2 , como em **Li um pouco de livros* o que permite a inferência de que este caso também funciona na língua para quantificar elementos incontáveis ii) N_1 é constituído de um artigo indefinido, por conta de exprimir quantidade imprecisa. Complementando a tabela 1, tem-se que:

Padrões construcionais de valor quantitativo			
Pluralização de N_2	<i>Num N_1 de N_{sing_2}</i>	<i>Art. Indef. N_1 de N_2</i>	<i>Art. Indef. N_1 de N_{sing_2}</i>
	-	+	-
Veicular quantidade precisa	+	-	-
Quantificar elementos incontáveis	+	-	+

Tabela 2: padrões construcionais *Num N_1 de N_{sing_2}* , *Art. Indef. N_1 de N_2* e *Art. Indef. N_1 de N_{sing_2}*

Partindo dos comentários anteriores, postula-se que se chegou a um inventário de três padrões construcionais binominais de valor quantitativo que são sintática e semanticamente diferentes. È o que se pode ver na apreciação da tabela 3, a seguir:

Construções binominais de valor quantitativo: instanciações	
Forma	Instanciações
<i>Num N_1 de N_{sing_2}</i>	<i>Pedro bebeu um litro de leite.</i> <i>Ele colocou uma colher de pimenta no seu prato.</i>
<i>Art. Indef. N_1 de N_2</i>	<i>Chegou um bando de crianças neste exato momento.</i> <i>Paulo comprou uma cacetada de coisas.</i> <i>Tinha um monte de gente na praia.</i>
<i>Art. Indef. N_1 de N_{sing_2}</i>	<i>Comi um pouco de pão.</i>

Tabela 3: Construções binominais de valor quantitativo: instanciações.

Na tabela 3, percebe-se que as sentenças 16 e 17 entram em um mesmo padrão – *Num N_1 de N_{sing_2}* –, as sentenças 18, 19 e 20 entram em outro – *Art. Indef. N_1 de N_2* e a sentença 21 em um terceiro padrão – *Art. Indef. N_1 de N_{sing_2}* .

A noção de parte *versus* a noção de quantidade

Como base em Mateus et alii (2003), propõe-se que há uma distinção sintática entre as construções binominais de valor quantitativo – que vinham sendo vistas até aqui – e as construções binominais de valor partitivo, a saber: a necessidade de especificador dentro do SP. A idéia é a de que os padrões apontados de construções quantitativas podem ser retomados como partitiva, se considerarmos, além da diferença semântica, uma distinção sintática por conta do uso obrigatório do elemento especificador. Vejam-se os exemplos 1 a 6, recuperados como 28 a 33, sem o determinante no sintagma preposicional:

- (28) Pedro bebeu um_{det} litro_{n1} de leite_{n2}.
- (29) Ele colocou uma_{det} colher_{n1} de pimenta_{n2} no seu prato.
- (30) Paulo comprou uma_{det} cacetada_{n1} de coisas_{n2}.
- (31) Chegou um_{det} bando_{n1} de crianças_{n2} neste exato momento.
- (32) Tinha um_{det} monte_{n1} dessa gente_{n2} no calçadão.
- (33) Comi um_{det} pouco_{n1} de pão_{n2}.

Agora com o determinante, nos exemplos de 34 a 39:

- (34) Pedro bebeu um_{det} litro_{n1} do leite_{n2}.
- (35) Ele colocou uma_{det} colher_{n1} da pimenta_{n2} no seu prato.
- (36) Paulo comprou uma_{det} cacetada_{n1} dessas coisas_{n2}.
- (37) Chegou um_{det} bando_{n1} dessas crianças_{n2} neste exato momento.
- (38) Tinha um_{det} monte_{n1} daquela gente_{n2} no calçadão.
- (39) Comi um_{det} pouco_{n1} do pão_{n2}.

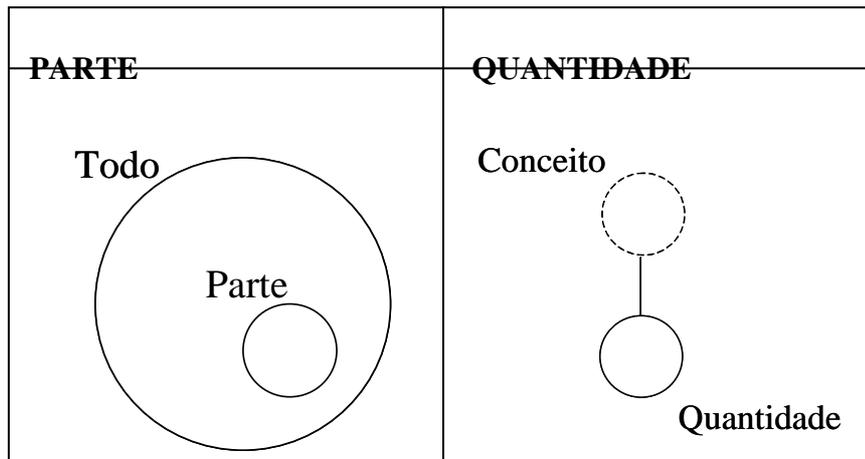
Comparando os exemplos de cada um dos grupos, pode-se perceber que a noção de parte e todo apareceu apenas no segundo grupo (sentenças 34 a 39), mas não no primeiro (sentenças 28 a 33). No primeiro, o conceito de N_2 é visto de modo abstrato, ilimitado, enquanto que, na segunda, com especificador, o conceito passa a ganhar limite (gerando a noção de conjunto, de um *todo* específico) e a unidade de medida passa a representar uma parte do todo. É o que se tenta ressaltar nas observações a seguir:

- Em 28 e 34, *um litro de leite* refere-se a uma quantidade específica de leite, conceptualizado como uma referência não limitada (inspirado em Langacker, 1991 e Croft, 2001), enquanto que em *um litro do leite*, *leite* é conceptualizado como uma unidade limitada, e o falante estaria se referindo a uma parte equivalente a um litro entendido como um todo (limitado) conceptual e provavelmente mencionado anteriormente, ou pelo menos acionado na memória dos interlocutores, o que dá a ela um valor mais determinado.
- Em 29 e 35, *uma colher de pimenta* e *uma colher da pimenta*, também ocorre o mesmo mecanismo cognitivo usado para a interpretação de *leite* no item anterior. A configuração pragmática é distinta. Na primeira, tem-se a referência ao sentido em uma relação parte-todo; na outra, tem-se a visão de uma instanciação/unidade daquele sentido. Aqui, novamente, pode-se esperar que se esteja falando de uma pimenta já mencionada no discurso.
- Em 30 e 36, o mesmo processo ocorre, já que a diferença também reside no fato de haver distinção de conceptualização do N_2 . Em *uma*

cacetada de coisas, o termo *coisas* era entendido como grupo de coisas quaisquer e passa a ser interpretado como grupo de coisas localizado, especificado ou conhecido dentro de um grupo maior, que é o conjunto expresso por *essas coisas*.

- O mesmo raciocínio pode ser aplicado à comparação dos exemplos 31 e 37 e 32 e 38.
- Em 33 e 39, *um pouco de pão* é visto como uma quantidade pequena de pão, interpretado como nome incontável, enquanto que *um pouco do pão*, há a idéia de que há uma delimitação de um determinado pão, do qual se está ingerindo uma parte.

Os esquemas abaixo buscam ilustrar essa diferença conceitual de N_2 :



Esquema 1: diferença conceitual entre quantidade e parte.

O esquema é uma tentativa de se diferenciar a noção de parte e de quantidade, procurando, mais especificamente, traduzir a conceptualização de N_2 . No primeiro quadro, N_2 é conceptualizado com um todo delimitado; já no segundo quadro, N_2 é conceptualizado como um conceito abstrato e não-delimitado, sendo a unidade desse conceito expressa por N_1 .

Em termos de padrão construcional, ter-se-ia, então:

- a) de um lado, *Num N_1 de N_{sing_2} , Art. Indef. N_1 de N_2 , Art. Indef. N_1 de N_{sing_2}* indicando quantidade;
- b) de outro, *Num N_1 d(Espec) N_{sing_2} , Art. Indef. N_1 d(Especif.) N_2 , Art. Indef. N_1 d(Especif.) N_{sing_2}* , indicando parte.

Considerações finais

De acordo com as análises feitas neste trabalho, verificou-se que a expressão *um(a) N_1 de N_2* pode ser vinculada a diferentes construções gramaticais, as quais podem assumir um valor de quantidade ou de qualidade. A qualidade é sintaticamente diferente da quantidade, em especial pelo fato de que o SP nas expressões de valor qualitativo funciona como adjunto adnominal e nas de valor quantitativo funciona como complemento nominal.

Puderam-se apreender também três padrões construcionais básicos para as estruturas binominais quantitativas que licenciam numerosas instanciações diferentes. Cada um desses padrões apresenta identidade sintática e semântica próprias, o que ratifica o princípio da não-sinonímia proposto por Goldberg (1995), como se viu anteriormente.

Além disso, fez-se uma diferença sintática das relações conceito- quantidade e parte-todo. Observou-se que a presença de especificador na constituição do SP das construções binominais quantitativas altera o valor de quantidade para o valor de parte. Em outras palavras, a relação de parte ocorre quando se delimita, especifica N₂, enquanto que a noção de quantidade apresenta-se expressa na língua, quando se trata de um conceito abstrato, não delimitado ou conhecido/mencionado anteriormente.

Referências Bibliográficas

- BYBEE, Joan. 2003. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: Joseph, Brian & Janda, Richard(eds). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel.
- CROFT, William. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FILLMORE, Charles. 1979. *Innocence: a second idealization for linguistics*. Proceedings of the fifth Berkley Linguistics Society.
- GOLDBERG, Adele E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GONÇALVEZ, 2005. *A construção de duração com dar no português do Brasil – uma abordagem sociocognitiva*. UFJF: Dissertação de Mestrado.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Flexão e derivação em português. Rio de Janeiro: Ed. Faculdade de Letras/ UFRJ, 2005.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOUAISS et alii. 2001. *Dicionário eletrônico da Língua portuguesa*. RJ: Objetiva, (versão 1.0).
- LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. 1987. *Woman, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press.
- LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar voll: descriptive application*. Stanford, California: Stanford University Press, 1991.
- MARTELOTTA, Mário. 2007. *Advérbios e construções adverbiais de valor qualitativo no português escrito dos séculos XVI e XVII: estrutura e ordenação*. CNPq-UFRJ: Projeto de pesquisa.
- MATEUS, Mira et alii. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- NOËL, Dirk. *Diachronic construction grammar vs. Grammaticalization theory*. 2006. Disponível em <http://hub.hku.hk/handle/123456789/38694>. Acesso em 10 de julho de 2007.
- TOMASELLO, Michael. 2003. *Constructing a language – a used-based theory of language acquisition*. Harvard University Press.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, Brian. D. e JANDA, Richard D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltda, 2003.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization and construction grammar*. Handout apresentado no I Workshop on Grammaticalization of the Discourse and Grammar Research Group/ XI Seminário do Grupo de Estudos Discurso e Gramática. Rio de Janeiro: UFRJ, junho de 2007.

- TRAUGOTT, Elizabeth C. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. In: *Cognitive linguistics* vol. 18-4 Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2007b. p. 523-557.
- UNGERER, Friedrich e SCHMID, Hans-Jörg. *An introduction to cognitive linguistics*. London/New York: Longman, 1999.